

O CORPO: PEQUENO GRANDE MÉTODO DA INDISCIPLINA CÊNICA

Ciane Fernandes*

Título: *O Corpo: Pistas para Estudos Indisciplinares*

Autora: *Christine Greiner*

Editora: *Annablume*

Ano: *2005*

Número de páginas: *150*

Com sua capa, título e tamanhos despretensiosos, quase como um livro de bolso, *O Corpo: Pistas para Estudos Indisciplinares*, de Christine Greiner (São Paulo: Annablume, 2005), surpreende. Cada parágrafo evoca tanta troca de informação, tantas referências de distintas áreas e épocas, que merece uma leitura calma, cuidadosa, e a longo prazo. Tão rico em dados como uma coleção de vários tomos, que já começou em *Leituras do Corpo*, organizado por Greiner e Cláudia Amorim, pela mesma editora, tem ainda uma grande vantagem; com seu “corpo” leve, pode ser carregado para aulas, ensaios, dentista, etc. E, de repente, no dentista, enquanto leio meu livro altamente acadêmico disfarçado de livro de bolso (em meio a outros leitores de revistas bem menos politicamente engajadas), lá está o assunto do momento: “...dentes são uma ferramenta e, por isso, podem ser substituídos em certa medida por uma ferramenta que faça analogamente o que os dentes fazem, como é o caso da faca. ... O corpo vivo é mais do que uma coisa estendida num espaço visual, e sim todas as relações que suscita e que em certa medida são absolutamente singulares” (p.101).

O livro de Greiner é como um “corpo vivo”: está constantemente suscitando novas relações. Toda boa leitura é assim, transforma nossa visão do mundo e interação com ele. Mas no caso deste nosso compact book,

*Ciane Fernandes é Ph.D. em Artes & Humanidades pela New York University; professora da Escola de Teatro e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA e pesquisadora associada do Laban/Bartenieff Institute of Movement Studies; autora dos livros: *Pina Bausch e o Wuppertal Dança-Teatro* (São Paulo e New York) e *O Corpo em Movimento*.

seu tema é exatamente essas redes interativas, a partir do corpomídia (subtítulo com a contribuição de Helena Katz, 125-133). Este não precisa estar em meio a uma parafernália tecnológica ou repleto de eletrodos, apesar de que Greiner inclui autores das neurociências e experimentos diversos, mas sempre para discutir temas de amplo alcance, e aplicando-os às artes. Prosseguindo aquela colocação sobre o corpo vivo, a autora analisa, por exemplo, estudos com pacientes com neuropatia, para traçar a relação entre imagem e esquema corporal, como um influencia e organiza o outro.

Greiner chega a definir e diferenciar os controversos conceitos de imagem e esquema corporal de maneira sucinta e bem fundamentada. Estes seriam assuntos mais relativos às terapias psicossomáticas do que a Estudos Culturais, por exemplo, mas estes últimos são igualmente abordados no livro. A inclusão de temas como estes não é limitante. Ao contrário, abre para mais discussões com autores diversos, como Judith Butler e Robert C. Post, entre outros, ao tratar da violência implícita exercida sobre o corpo.

Os muitos autores ou temas não são listados linearmente, o que seria um contra senso ao se falar em corpo. A autora vai pouco a pouco entrelaçando idéias, usando diferentes fontes para contrapor ou confirmar cada perspectiva, em um plenário aberto para discutir um assunto fundamental – especialmente em nossas “sociedades democráticas” (e teatros) onde reina a “hipertrofia da linguagem verbal” (p.92). Apesar de ser tema em moda nos últimos anos, o estudo do corpo tem publicação limitada no Brasil, e é abordado por algumas poucas escolas estrangeiras (como o *Performance Studies* e seu recente *On The Presence of The Body*, org. André Lepecki, 2004), felizmente em grau cada vez maior. Neste sentido, a obra vem preencher uma lacuna não somente nas artes em geral, mas também nas diversas outras áreas que aborda, pois sua organização não linear, porém clara, tem muito a acrescentar a estas últimas.

Talvez seja este o grande trunfo deste “pequeno” livro: se nós artistas estamos sempre acostumados a pedir emprestado metodologias de outras áreas mais “avançadas”, em meio à crescente complexidade do mundo contemporâneo é a vez das artes reinventarem um modo de pesquisar, escrever, analisar, menos atomizado e mais relacional. Ou seja, é hora de trazer o corpo, marginalizado nas ciências e academia em geral, para o centro da prática e organização da produção (que passa, então, a ser processo). Cabe a nós substituir um corpo usado como meio de produção intelectual e científica, analisado como camadas dissecadas em um laboratório, por este corpo vivo, ativo, reorganizador de novos sistemas de conexões não lineares.

Durante o decorrer do livro, diferentes opiniões fluem como os líquidos no

corpo (sangue, linfa, etc.), desembocando aqui e ali em definições também transitórias; aliás, a respeito da transição. A partir do fio condutor “corpo”, temas e debates como desconstrução, “estranheira” (p.105), cognição e cultura, corpo e ambiente, psique e política, são puxados em sua teia histórica e entrecruzados como feixes neuronais de informação.

Tanto conteúdo concentrado nos traz de volta ao corpo também porque nos silencia. Seu título poderia muito bem ser: Tudo sobre Corpo (parafrazeando Almodóvar) ou Tudo que você sempre quis saber sobre Corpo (parafrazeando Woody Allen), substituindo palavras em homenagem a Freud e Foucault, respectivamente, “incorporados” nas discussões de Greiner. Discreto e modesto, *O Corpo* é inteligente, flexível, complexo e fundamental. Leitura obrigatória nas disciplinas deste novo milênio.